

# Encadernadores Portugueses

## do passado e do presente

José Miguel Gonçalves

LISBOA - 2025

***Título:***

Encadernadores Portugueses – do passado e do presente

***Texto:***

José Miguel Gonçalves

***Recolha e organização da informação:***

José Miguel Gonçalves

***Coordenação:***

DSDA - Direção de Serviços de Documentação e de Arquivo

***Composição Gráfica:***

Miguel Rui Infante

***Edição:***

1.<sup>a</sup> edição

***Elaborado em:***

2025

## ÍNDICE

|                                                                         |    |
|-------------------------------------------------------------------------|----|
| INTRODUÇÃO                                                              | 1  |
| • Origem e evolução do livro e da encadernação                          | 2  |
| • Conhecimento e Estudo da Encadernação                                 | 9  |
| • Importância Cultural e Histórica da Encadernação                      | 9  |
| • A Arte da Encadernação                                                | 12 |
| • Encadernação – culto e tradição                                       | 13 |
| • A Arte da Encadernação – os estudos de Matias Lima e o caso português | 17 |
| ENCADERNADORES PORTUGUESES do passado e do presente                     | 20 |
| CONCLUSÃO                                                               | 36 |
| FONTES CONSULTADAS                                                      | 38 |

# INTRODUÇÃO



Antiga oficina de encadernação, séc. XVII.  
(Fonte: "Het Menselyk Bedryf" ou "O Livro dos Ofícios", de Jan Luyken.)

*«Ao contrário dos conhecedores das artes plásticas ou mesmo da música, onde o prazer é concebido através da visão ou da audição, a **encadernação** não satisfaz em vê-la; a pessoa tem necessidade de apalpá-la, de sentir aquela voluptuosidade inexplicável. [...]*

*A diversidade dos materiais nas lombadas, tecidos e couros em várias cores, pergaminho com sua coloração suave, quase indefinível, com um dourado escasso, forma no conjunto um quadro sinfônico, dando-nos o prazer de ficar diante dele horas e horas.»*

(Leopoldo Berger, *Manual Prático e Ilustrado do Encadernador*, pág. 93, 1957)

## Origem e evolução do livro e da encadernação



o procurarmos delinear um contexto histórico sobre a origem e evolução da encadernação ao longo dos séculos, somos forçosamente compelidos a falar da escrita, do livro e do seu aparecimento. Um não existe sem o outro.

A escrita foi inventada como consequência do desenvolvimento das sociedades humanas, sendo que o sistema de escrita foi criado em períodos distintos, por diferentes civilizações – a Mesopotâmia, China, Egito e América Central. Contudo, pode afirmar-se que a história da escrita inicia com os povos da antiga Suméria que desenvolveram a escrita cuneiforme por volta de 4.000 a.C..

A encadernação é, de igual modo, um ofício milenar, pois desde que o homem desenvolveu a escrita, sentiu a necessidade de acondicionar e proteger os preciosos conhecimentos que queria salvaguardar para a posteridade. A história da encadernação começou, deste modo, com a necessidade de guardar, conservar e organizar textos referentes a uma mesma obra, preservando-os de possíveis danos. Os primeiros trabalhos remontam ao antigo Egito, à Grécia e a Roma. Os antigos códices – criados nos primeiros séculos da era cristã, no Império Romano –, foram substituindo, aos poucos, os frágeis rolos de papiro. A inovação estrutural ocasionada pela passagem do rolo ao códice ocasiona uma mudança de paradigma, uma alteração profunda na história do livro originando o “livro plano”, como veículo de escrita, com a consequente “capa”: encadernação.

Manuscrito, no início, e mais tarde impresso, o livro foi desde cedo observado como um artigo raro e precioso, cuja proteção e conservação era necessário assegurar, da melhor forma possível. Conforme descreve Irene Vallejo, escritora, investigadora e divulgadora da história do livro e da leitura:

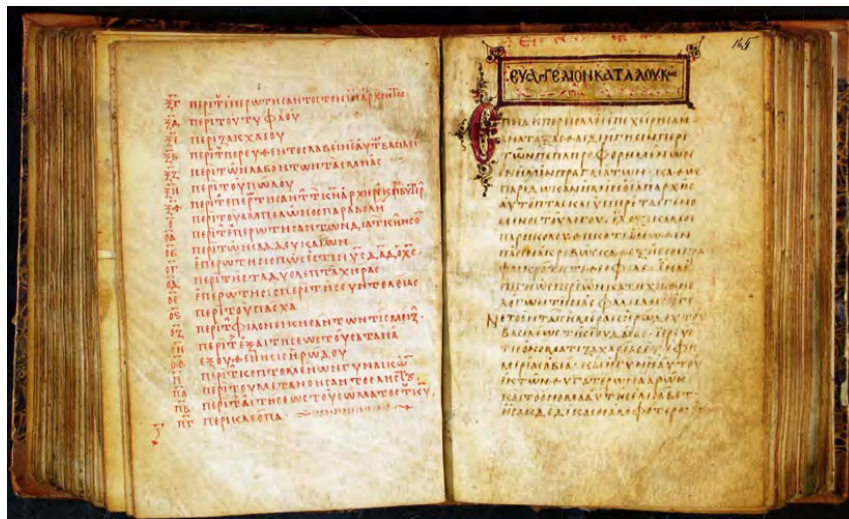
*«Os rolos sempre foram uma mercadoria luxuosa e cara. Para a escrita mais quotidiana – exercícios escolares, cartas, documentos oficiais, anotações, rascunhos –, os antigos costumavam recorrer às tabuinhas. O leitor que quisesse consultá-las numa determinada ordem conservava-as em caixas ou sacos ou fazia-lhes um buraco num canto e enlaçava-as juntas com argolas ou correias. Em latim, chamavam a esses conjuntos de tabuinhas atadas «códices». A ideia revolucionária consistiu em substituir as pequenas placas de*

madeira ou metal por folhas flexíveis de pergaminhos ou papiro, o material dos rolos. O resultado inicial deve ter sido pouco mais do que um caderno rudimentar, embora carregado de futuro.

Esse primeiro híbrido abriu o caminho até ao códice mais avançado, composto por folhas de papiro ou pele que se desdobravam ao meio. Os romanos tentaram coser essas folhas de papel dobradas ao meio e assim nasceu a arte de encadernar. Aprenderam rapidamente a proteger os caderninhos com capas duras, geralmente de madeira forrada com couro.»

(Irene Vallejo, *O infinito num junco*, pág. 323, 2020)

Antepassado histórico do livro, o códice (“codex”; que os romanos designavam de “liber quadratus”) era composto por um conjunto de páginas dobradas, reunidas e costuradas na lombada. Enquanto modelo primevo, as capas que o revestiam (capa e contracapa), eram, normalmente, realizadas em madeira revestida de couro, o que permitia, face aos rolos de papiro ou pergaminho (que os gregos denominavam de “biblos”), um mais fácil manuseio, transporte e conservação.



Codex Petropolitanus (séc. IX).  
(Fonte: <https://pt.wikipedia.org>)

O vocábulo “encadernação” forma-se a partir da palavra “caderno”, do latim “quaternus”, o que significa, exatamente, reunir cadernos. Certo é que o códice irá sobreviver até à Idade Média, sendo o meio mais utilizado pelos chamados monges copistas que trabalhavam o texto e as iluminuras (decoração interna), mas igualmente responsáveis pela restante parte técnica e compositiva.



Durante a Alta Idade Média os mosteiros e abadias detiveram todo o controlo de produção de livros, concorrendo para que este se tornasse o período mais importante no aperfeiçoamento da encadernação.

*«A apropriação cristã do livro como símbolo religioso abriu novos caminhos decorativos. As próprias palavras converteram-se em formas ornamentais. As páginas tingiram-se de púrpura imperial, a escrita executava-se em tinta de ouro e prata. Os livros já não eram apenas artefactos de leitura, mas sim relíquias e obras de arte em si próprios que distinguiram os seus proprietários. O trabalho especializou-se: o escriba costumava deixar indicações precisas e reservava os espaços destinados às ilustrações; de seguida, os pergaminhos eram entregues a miniaturistas e iluminadores.»*

(Irene Vallejo, *O infinito num junco*, pág. 359, 2020)



Jean Miélot redigindo a compilação “Milagres de Nossa Senhora (séc. XV)”.  
(Fonte: <https://en.wikipedia.org>)

A prática reiterada, as técnicas e modos de atuação, irão refletir-se em consequentes melhoramentos e desenvolvimentos. Os únicos que podiam exercer o ofício de encadernador eram os frades escolhidos para a tarefa, ainda que algumas encadernações tivessem autorização para serem executadas em oficinas particulares, no exterior. As encadernações medievais caracterizavam-se por serem robustas, sólidas e, não raro, guarnecidas com pedras, metais preciosos e fechos metálicos. Tal facto

compreende-se, e justifica-se, pelo conteúdo das obras encerrar um profundo teor religioso. Destinavam-se, primordialmente, a guardar as leituras da missa, devendo, por isso, estar no altar. Por conseguinte, verificou-se uma tendência para lhes conferir um tratamento o mais rico possível que permitisse destacar a sua importância para a fé.

*«A partir de 1480, aproximadamente, o aparecimento da imprensa começa a fazer sentir os seus efeitos; os livros multiplicam-se e tornam-se de uso mais corrente; os particulares, sempre em número crescente, constituem as suas bibliotecas; o livro deixa de ser mais ou menos exclusivamente monástico. Assim, a importância das oficinas dos conventos diminui, ao passo que as oficinas privadas, pelo contrário, se tornam mais numerosas, em particular nas cidades universitárias, onde os encadernadores têm a certeza de encontrar clientela. Instalam-se geralmente perto dos livreiros; na maior parte dos casos, eles próprios são livreiros e também impressores. E os grandes editores, como os Koberger, por exemplo, possuem oficinas de encadernação bem equipadas, onde se executam trabalhos em série.»*

(Lucien Febvre; Henri-Jean Martin, *O Aparecimento do Livro*, págs. 146-147, 2000)

No final da Idade Média o contexto da produção dos livros irá deixar a esfera do religioso e passar, gradualmente, para as oficinas dos artesãos. O alemão Gutenberg (Johannes Gutenberg; ca. 1400-1468), e a sua invenção da prensa de tipos móveis, no século XV, irá desencadear uma revolução tal, cujos princípios de impressão irão perdurar, sem grandes alterações, até ao século XVIII. A invenção de Gutenberg introduz, de facto, alterações significativas no mundo da impressão e da divulgação do conhecimento. Ao democratizar o acesso à informação escrita, veio pôr termo ao monopólio sobre o conhecimento que até então tinham a Igreja e as elites letradas. O resultado foi uma explosão de ideias – religiosas, científicas, políticas – que desencadeou transformações profundas, da Reforma Protestante à Revolução Científica.





Impressora de livros do séc. XVI.  
(Fonte: <https://www.worldhistory.org>)

Durante o período renascentista a encadernação passa a refletir o novo gosto e estética da época. O livro passa a ter uma maior divulgação, a integrar o quotidiano da sociedade e, conseqüentemente, o revestimento – a encadernação –, acompanhará os tempos e a demanda de outras exigências e requisitos, dando origem a diferentes motivos de adorno e ornamentação nas capas e lombadas. Os livros ganham menores dimensões e as encadernações passam a ser mais leves e sofisticadas. As encadernações renascentistas, gradualmente, apresentam novos motivos e acabamentos, beneficiando de um aumento de qualidade. Contudo, estes exemplares permanecem, ainda, muito restritos a uma parte privilegiada da sociedade, ou seja, à nobreza e à burguesia.

*«Quando se examinam as antigas encadernações, as que se conservaram no seu estado primitivo nos manuscritos e nos livros impressos anteriores ao século XIX, impõe-se desde logo uma observação: as encadernações que recobrem os livros de trabalho mais comuns apresentam-se muito resistentes e são de qualidade infinitamente superior às das encadernações correspondentes da nossa época. [...] Não deve surpreender-nos este cuidado com a solidez, com a qualidade dos materiais utilizados outrora para confeccionar encadernações e que ainda hoje, muitas vezes, provocam a admiração das pessoas ligadas ao ofício. Naqueles tempos, o manuscrito, e mesmo o seu sucedâneo, o livro impresso, faziam figura de mercadorias raras e dispendiosas, merecendo, por isso, ser protegidas e ornadas; é certo que, após o aparecimento da imprensa, o público que lia foi aumentando*

*de número, mas até ao século XVIII, pelo menos, o livro era destinado sobretudo a um escol relativamente restrito e rico: nesses tempos em que o papel era fabricado na forma, e as folhas impressas em prelos manuais, sempre se revelou um objeto precioso, cuja conservação era conveniente garantir e que, por conseguinte, convinha encadernar cuidadosamente.»*

(Lucien Febvre; Henri-Jean Martin, *O Aparecimento do Livro*, págs. 144-145, 2000)

Com o avançar dos tempos, a chegada da Revolução Industrial e os consequentes progressos sociais e tecnológicos, o livro vai-se tornando um objeto mais prático, mais portátil. Para ser possível acompanhar a procura, tornou-se necessário renovar os materiais e as técnicas. A produção mecanizada vem substituir a produção manual, com o aparecimento e desenvolvimento de novas tecnologias. A industrialização permitiu a circulação de um número crescente de exemplares do livro, reduzindo o seu custo final, pondo-o ao alcance de um número maior de população. Acompanhando este novo paradigma, os encadernadores vêm-se na contingência de modificar a sua técnica para poder responder às novas necessidades; é preciso trabalhar mais rápido, em série, e executar encadernações de qualidade conveniente, mas menos onerosa, para satisfazer uma clientela mais vasta e menos rica. A centúria de oitocentos corresponde ao grande século do livro e da literatura.

*«Enquanto a encadernação de luxo atinge grande desenvolvimento em meados do século XVI, e, depois, durante o século XVIII, os livros comuns são encadernados solidamente, de forma a garantir a sua conservação, mas sem nenhuma decoração na capa; somente a lombada, que aparece nas prateleiras das bibliotecas [...] é decorada com alguns motivos a ferros pequenos e com uma peça de couro na qual está inscrito o título da obra. E quando, no século XIX, o aparecimento da prensa a vapor e a invenção da máquina de papel permitem a produção cada vez mais rápida e mais barata de livros e a multiplicação do número das tiragens, renunciar-se-á muitas vezes a encadernar os livros, que serão vendidos e lidos em simples brochuras.»*

(Lucien Febvre; Henri-Jean Martin, *O Aparecimento do Livro*, págs. 150-151, 2000)

Nos séculos XVIII, XIX e XX – principalmente neste último –, o livro passa a chegar a um número mais alargado e heterogéneo de público e a encadernação tornou-se uma prática mecanizada, realizada em série. Surgiram encadernações de fraca qualidade, cujo único propósito era o de proteger o livro, a par de outras de extrema qualidade, criadas por encadernadores de exceção. De ressaltar que o reinado de D. João V (1707-1750), em Portugal, ficou mesmo marcado pela extrema importância consagrada ao desenvolvimento da tipografia, assim como à arte da gravura e da encadernação; esta última, inserida no contexto do programa de mecenato régio e da busca por prestígio e ostentação. A Europa assiste, ainda durante o século XVIII, ao “renascimento” da tipografia e Portugal não foi exceção, possuindo o indispensável para conceber uma nova conceção do livro, mais elaborado e luxuoso.

*«D. João V, como vemos pela informação de Sabugosa, foi um amador notável de encadernações, tam preciosas as possuía.*

*Que hábeis artistas lhas teriam confeccionado? Talvez, entre outros, Mateus Nogueira, que encadernou a maior parte dos livros do abade Diogo Machado, e que era artista de merecimento. Cenáculo, que o conheceu bem, exalça-o com palavras de elogio, classificando de polidos os seus trabalhos. Nem tôdas as encadernações, porém, de D. João V, foram executadas por artistas nacionais. Antoine Michel Padeloup, o mais famoso dos Padeloups, encadernou também para D. João V, bem como seu filho Jean, que chegou, ao que parece, a ser encadernador de D. José I. [...] De facto, é nesta época faustosa e progressiva que se assinalam os triunfos da encadernação portuguesa.»*

(Matias Lima, *A Encadernação em Portugal*, págs. 52-53, 1933)

A história e evolução da encadernação, tal como a do livro, acompanha as transformações que ocorrem na sociedade e na cultura. Ainda que perseguindo um mesmo objetivo e resultado, as técnicas, as operações e os materiais utilizados na operação de encadernar, variam, e variaram, consoante as épocas e a geografias. Integrando este contexto evolutivo e natural, os artífices portugueses da encadernação tiveram de adaptar-se a condicionalismos que implicavam mudanças, começando a reivindicar e procurar preservar as tradições artesanais e os métodos oficinais, nomeadamente através da passagem de testemunho do gosto, e saber adquiridos, às novas gerações de profissionais.

## Conhecimento e Estudo da Encadernação

Pensar o livro requer pensar a sua materialidade. O livro é um objeto feito de palavras, páginas, criação gráfica, cores, etc. Para dar forma a este objeto é necessário encaderná-lo. A cobertura do livro, o seu revestimento e proteção são as capas, a encadernação. Enquanto objeto material o livro é algo complexo, pois encerra em si beleza estética, significado e importância cultural. A observação, estudo e análise da encadernação, pode ajudar a conhecer a sua proveniência, existência, aspetos culturais e históricos, incidindo sobre a estética e materiais utilizados no seu fabrico. No que respeita aos componentes físico-químicos, podemos investigar e discernir quais os componentes que foram utilizados, quais os processos, o estado em que se encontra e mesmo precaver a sua futura condição. Os resultados obtidos com estes estudos são importantes para conhecer a origem do livro, a sua história, armazenamento, conservação, restauro e exposição.

*«Assim que apareceu a verdadeira linguagem escrita, cerca de 3500 a.C., na Suméria, foi necessário proteger as placas frágeis de argila em que se traçavam os caracteres cuneiformes. As placas foram então guardadas numa espécie de argila; assim nasceu a ideia de encadernação! [...] A arte da encadernação aperfeiçoou-se rapidamente. A encadernação em breve passou a ter uma dupla função, de proteção e embelezamento do livro.»*

(Annie Persuy, *A Encadernação*, págs. 7-8, 1980)

## Importância Cultural e Histórica da Encadernação

A arte da encadernação é um ofício antigo. Desde que surgiu, este saber especializado tem-se evidenciado no cuidado com a sua forma, uma vez que é impossível dissociar a sua evolução enquanto técnica necessária para a difusão do meio de conhecimento mais ancestral que existe: o livro. A encadernação desempenha um papel de primordial importância, uma vez que embeleza o livro, mas também contribui para a sua proteção, não só ajudando a manter o conjunto das folhas unido e seguro, como também protegendo o livro de possíveis malefícios e possíveis danos externos – desgaste

temporal, humidade e outros fatores ambientais. A cobertura, ou revestimento do livro, que constitui a encadernação, pode ser executada de diversas maneiras, cada uma recorrendo às suas próprias técnicas e materiais, oferecendo diferentes níveis de durabilidade e estética. Este facto torna possível encontrarmos uma tipologia de encadernações muito diferentes e variadas, dependendo de fatores geográficos, históricos, culturais e tradicionais. De qualquer modo, independentemente da encadernação que se escolha, uma boa encadernação garante, ou deveria garantir, que o livro permanece em boas condições, mesmo com uso frequente.

*«O estudo do livro como produto comercial abre perspectivas económicas e sociológicas. Este estudo engloba a edição, a preparação e a difusão das obras, os fatores que ajudam ou dificultam esta difusão e a organização das profissões ligadas ao livro. Como objeto de arte ou de coleção o livro pode ter valor pela beleza da sua apresentação, pelas ilustrações, ou pela encadernação.»*

(Albert Labarre, *História do Livro*, pág. 6)



Interior de uma oficina de encadernação num claustro, no séc. XIV.

(Fonte: Leopoldo Berger, *op. cit.*, pág. 9., 1957)

A prática ou hábito de encadernar é uma atividade que conta já com séculos de história, sendo que se pratica desde que o livro nasceu e começou a circular. Trata-se de uma arte ou tarefa artesanal que implica muitas horas de entrega ao ofício, mas também muito tempo de aprendizagem, se possível, trabalhando junto de um bom mestre. Para

se alcançar um nível superior de proficiência e bom domínio da técnica de encadernar, são necessários anos de aprendizagem.

O ofício ou arte de encadernar requer muito treino e aptidão. Para alcançar a destreza e maestria de elaborar uma “encadernação artística”, encadernar um livro numa “inteira de pele”, com “nervuras” e elaborados motivos “dourados a ouro”, que distingam e aportem valor e beleza ao livro, implica anos de prática, pois não só encerra muitos passos, como também implica o domínio de técnicas complexas e o conhecimento e utilização de materiais e ferramentas que só a prática reiterada e contínua ao longo do tempo permitem.

Na atualidade, ainda podemos encontrar alguns bons encadernadores, se bem que a forma artesanal tenha vindo, progressivamente, a ser substituída por meios mecânicos. Foi no século XX que se observou a nítida separação entre a encadernação industrial e a encadernação artesanal. A primeira pode caracterizar-se pela eficiência, pela velocidade e pela capacidade de produzir grandes quantidades, em massa, para distribuição universal, segundo uma mesma matriz. A segunda, voltada para um tipo de cliente individual, exigente, recorrendo a métodos, instrumentos e técnicas tradicionais e, não raro, seguindo um movimento artístico ou tradição, procura a originalidade, a especificidade e o carácter de um estilo próprio. Na verdade, hoje em dia também concorre o facto de já não encontrarmos tanta gente que se preocupe ou tenha simplesmente gosto em ter, guardar ou colecionar obras (bem) encadernadas. Para as novas gerações, o computador, o *tablet*, o *E-book reader* e o próprio telemóvel, facultam uma nova forma de acesso à leitura; porém, os dispositivos eletrónicos não deverão nunca tomar o lugar do livro tradicional, em papel.





Capa de cetim bordada com pequenas pérolas e fio de ouro, 1641.  
Coleção Lessing J. Rosenwald, Biblioteca do Congresso (E.U.A.).  
(Fonte: <https://citaliarestauro.com>)

## A Arte da Encadernação

Ao longo da história, a compreensão do que é arte sofreu diversas transformações; e isso encontra-se diretamente associado à criação de imagens ilustrativas, à construção de narrativas visuais ou à ornamentação e criação de objetos utilitários. Com a passagem dos anos a evolução técnica da encadernação passou a carregar maior significado no seu aspecto simbólico, refletindo a importância e o valor do registo gráfico que transportava. Para os verdadeiros interessados no mundo do livro, a encadernação tradicional, executada por meios artesanais, encerra, em si mesma, um valor cultural e artístico riquíssimo, uma vez que não protege somente o livro, mas confere-lhe, ainda, maior valor, identidade e prestígio. Um livro devidamente encadernado, com uma encadernação de excelência, torna-o um objeto valioso, muitas vezes “único”, alvo de cobiça por múltiplos colecionadores – nomeadamente pelo valor e qualidade intrínseca da sua encadernação –, o que significa que será valorizado durante muitos anos.



A propósito do valor e importância dados à encadernação e ao papel do encadernador, é paradigmática a afirmação do escritor, dramaturgo e cineasta francês Jean-Claude Carrière (1931-2021) quando, em conversa com o eminente filólogo, medievalista e semiólogo italiano Umberto Eco (1932-2016) refere:

*«Se se possuir um livro que provém da biblioteca pessoal de Mazarin, possui-se um pedaço do rei. Os grandes encadernadores parisienses do século XIX não aceitavam encadernar qualquer livro. O simples facto de um livro ser encadernado por Marius Michel ou Trautz-Bauzonnet é a prova, ainda hoje, de que tinha a seus olhos um certo valor.»*

(H. Eco; J.-C. Carrière, *Não contem com o fim dos livros*, pág. 97, 2017)

O mesmo J.-C.C., na obra citada, narra uma história verídica e deveras surpreendente sobre o papel do encadernador e, nomeadamente, pela entrega e envolvimento que este chega a dedicar ao seu ofício:

*«O pai de Nahal, a minha mulher, era um estudioso iraniano que, entre outros trabalhos, fez um estudo sobre um encadernador de Bagdade, que viveu no século X, chamado Al-Nadim. [...]. Encadernador culto e igualmente calígrafo, esse homem interessava-se pelos livros que era encarregue de encadernar, ao ponto de os ler e fazer um resumo de cada um. Ora os livros que encadernou estão hoje desaparecidos, na sua grande maioria, restando-nos apenas os resumos do encadernador, o seu catálogo, intitulado “Al-Fihrist”. Reza Tajadod, o autor do estudo, colocava assim a questão de saber o que poderíamos conhecer exatamente sobre os livros que ele teve entre mãos e de cuja existência sabemos apenas por ele, através dessa filtragem pessoal que constituía o precioso trabalho do encadernador.»*

(H. Eco; J.-C. Carrière, *Não contem com o fim dos livros*, pág. 61, 2017)

## **Encadernação – culto e tradição**

A encadernação, assumindo características de arte ofical, tornou-se um ofício, uma aprendizagem prática e reiterada, adquirida ao longo do tempo, muitas vezes, junto de um mestre. Não conhecendo um programa ou verdadeira escola, em Portugal, a

encadernação apenas no século XX conhece um ensino técnico, ministrado nas então Oficinas de São José, em Lisboa; uma escola de artes e ofícios, fundada em 1896, ligada à ordem dos salesianos. Além dos aprendizes em regime de internato, acolhia, igualmente, um grupo de alunos externos das classes primárias e, durante algum tempo, do curso comercial.

*“É que os nossos encadernadores ficaram anónimos, ao invés do que sucedeu lá fora, nomeadamente em França, onde a partir do século XVI se conhecem artistas como Nicolas Eve e seu filho Clovis, Gascon, Boyet, Badier, Duseuil, Padeloup, Derome, e tantos outros, que, na arte de encadernar, foram famosos no seu tempo. Evidentemente que nunca poderíamos apresentar os nossos encadernadores como émulos dos grandes artistas que citamos. Foram, porém, bons, e alguns até, excelentes. Os nossos encadernadores realizaram, por vezes trabalhos admiráveis, influenciando-se em boas escolas, mormente na francesa e na italiana, sem contudo perderem a feição local, tam portuguesa.”*

(Matias Lima, *A Encadernação em Portugal*, págs. 52-53, 1933)



Encadernador numa oficina da atualidade.  
(Fonte: <https://en.wikipedia.org/wiki/Bookbinding>)

Na atualidade, o ofício da encadernação em Portugal, ainda tem (se bem que, em razoável menor número), pessoas e verdadeiros profissionais e artistas que a ela se entregam com verdadeira paixão e devoção, se bem que aqueles que se dedicam a fazer belas obras artísticas e originais escasseiem, em detrimento de outros que, sem desprimor, se dedicam a fazer trabalhos mais simples e vulgares. Diversos fatores contribuem para isso; porém, facto é que os tempos são outros, mas também o “público” existente outrora – verdadeiramente interessado, exigente e empenhado –, já com dificuldade se encontra.

Escasseiam, de igual modo, os locais, ou escolas, que deem formação na área e os mestres antigos também já desapareceram. Razões de sobrevivência económica, tradição de família, legado dos progenitores ou familiares próximos, ou simples vocação ou vontade expressa, são múltiplas as razões que um dia conduziram aqueles que abraçaram esta atividade como profissão para a vida. Alguns, para iniciar, terão empenhado algum capital disponível, outros terão iniciado quase sem capital, ainda de muita tenra idade, com muito ou tudo para aprender. Há quem tenha conseguido um razoável grau de estabilidade ou mesmo de prosperidade, outros desapareceram quase sem deixar rasto ou memória. Como em todas as profissões, alguns por ela terão passado antes de abandonarem e singrarem por diferentes destinos profissionais.

Não por acaso, Leopoldo Berger, virtuoso encadernador brasileiro e estudioso do assunto, refere na sua obra já citada:

*«Em Portugal, onde sempre houve bons encadernadores, seguidores das escolas francesa e italiana, observa-se – segundo o precioso livro de Matias Lima “A Encadernação em Portugal” – que durante os séculos XVII e XVIII, os mestres portugueses criaram as suas obras de acordo com as exigências dos bibliófilos lá existentes.»*

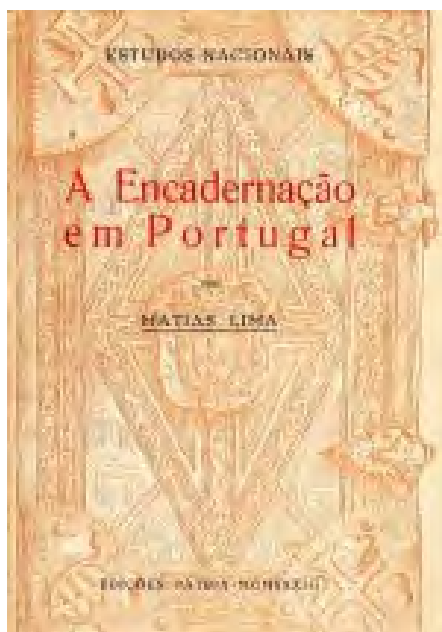
(Leopoldo Berger, *Manual prático e ilustrado do encadernador*, pág. 106, 1957)

Certo é que o livro, à parte a importância do seu conteúdo – enquanto fonte histórica e material, pela forma como foi idealizado e concebido –, pode ajudar-nos a conhecer e compreender o gosto cultural e estético de um determinado período, tempo e cultura. Observado enquanto objeto cultural, artístico e sensorial, emana um lastro que testemunha um determinado tempo, sendo demonstrativo do gosto, das capacidades e

recursos tecnológicos que em determinada altura se utilizaram para o revestir, proteger e embelezar. Os primeiros livros impressos não eram, aliás, comprados encadernados. Era preciso comprar as folhas que depois se mandava encadernar.

Há quem persiga certos livros com enorme obstinação. Tal pode acontecer por pretenderem completar uma série, um autor, uma especial edição ou tiragem, ou determinada temática. Ou, ainda, pela beleza e características particulares daquele livro que, enquanto objeto, lhe conferem um caráter “único”. A beleza das encadernações é, na verdade, uma das razões que explicam o prazer subjacente à bibliofilia.

Conforme refere Umberto Eco, em obra citada:



*«Existem colecionadores que, possuindo uma obra do século XIX com páginas por cortar, não as cortarão por nada deste mundo. Trata-se de proteger o objeto pelo objeto, de o conservar intacto, virgem. Existem, igualmente, colecionadores que se interessam pelas encadernações. Não têm interesse pelo conteúdo das obras possuídas.»*

(H. Eco; J.-C. Carrière, *Não contem com o fim dos livros*, pág. 113, 2017)

*“A Encadernação em Portugal, 1933”*

(obra de referência de Matias Lima)

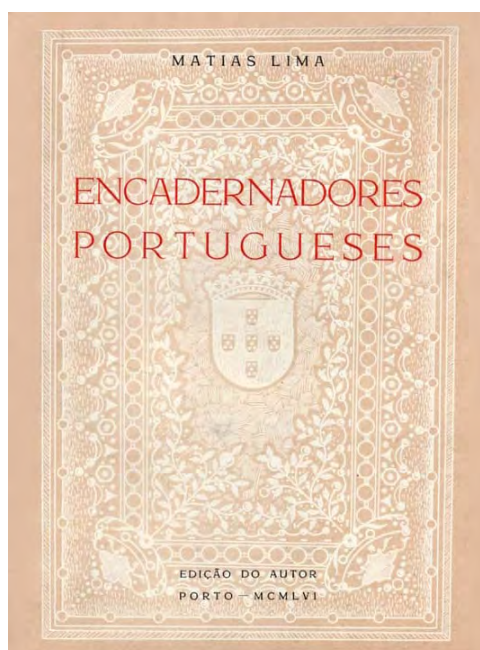
Em conclusão, a encadernação é o que verdadeiramente pode fazer a diferença entre dois exemplares de um mesmo livro.

## A Arte da Encadernação – os estudos de Matias Lima e o caso português

No panorama português um nome destaca-se no estudo e recensão da encadernação e dos profissionais que a praticaram (1500, a meados do século XX); esse nome é o de Matias Lima, ou, de seu nome completo: *Matias Rodrigues de Araújo Lima*. Tendo nascido no Porto, em 1885, e morrido nesta mesma cidade, em 1970, ficou conhecido como escritor, poeta e bibliófilo, embora tenha também deixado uma dúzia e meia de poemas e alguma prosa. Nesta última categoria destaque para “A Encadernação em Portugal” (1933) e “Encadernadores Portugueses” (1956).

A “Encadernação em Portugal” é, sem sombra de dúvida, o trabalho mais exaustivo, e pormenorizado, alguma vez feito sobre a encadernação no nosso país, sendo que, ainda hoje, passados quase cem anos sobre a sua publicação (1933), permanece a “obra de referência”, sobre a matéria. Outro trabalho que Matias Lima nos legou, “Encadernadores Portugueses” é, também e tão-só, o mais importante trabalho, realizado em forma de dicionário-glossário, onde são referenciados cerca de trezentos encadernadores, antigos e modernos, com nótulas biográficas e críticas, reproduzindo cento e trinta modelos de excelentes exemplares de encadernações, além de marcas (selos) de artistas encadernadores. Daí que, para a compreensão deste tema, as duas obras se apresentem de primordial importância, de referência mesmo (na respetiva área), pela qualidade e pela quantidade de informação que o seu autor conseguiu reunir.

Na sequência do referido, parte do conteúdo da informação biográfica dos nomes que aqui se apresentam não resulta, assim, de um levantamento absolutamente inédito, uma vez que reúne informação recolhida por Matias Lima, se bem que selecionada e editada na sua extensão. Afastada, pois, a pretensão de ser um trabalho de síntese, uma extensa reflexão ou uma estratégia ousada de apropriação da obra de Matias Lima, procura, tão somente, despertar o interesse e divulgar a um público mais vasto, e mais plural, a importância e a urgência de preservar esta arte.



(Matias Lima, *Encadernadores Portugueses*, 1956)

*«Arte admirável, que nasceu para um belo destino – o de conservar e alindar o livro. Conservar um livro, que fim tam nobre! É que na obra dum autor está a sua alma, isto é, o seu corpo espiritual, o qual, tanto ou mais que o corpo físico, transitório e mortal, necessita de ser protegido e resguardado para uma vida quasí eterna, de séculos e séculos!»*

(Matias Lima, *A Encadernação em Portugal*, págs. 52-53, 1933)

Especialistas contemporâneos como Sherrer e Azevedo (“Manual de Encadernação – técnicas essenciais”, FCG, 2002, p. 18), referem que a encadernação, desde o início do século XXI, não passa de um ofício que vive atualmente um período bastante difícil, atribuindo a esta problemática causas como a inexistência de formação adequada, o desconhecimento dos autores, dos artistas, dos profissionais e do público em geral. De facto, o desenvolvimento do ofício da encadernação, em Portugal, tem sido, de certo modo, inconstante, tendo ultrapassado fases de decadência e de ressurgimento, sendo caracterizado hoje em dia (pelo menos por alguns), como um ofício cristalizado no tempo, ao passo que outros vêem nele potencial para acompanhar a contemporaneidade. Sendo a existência de fontes publicadas sobre esta matéria também escassa (artigos isolados dispersos por jornais e revistas e, também, na *Internet*), tomou-se como ponto de partida o citado estudo de Matias Lima – que divulga

nomes de encadernadores e oficinas que forçosamente desapareceram –, a que se procurou juntar alguns outros, mais recentes e ainda em plena atividade. Estes últimos, com o seu desvelo e motivação extremos, contribuem para que, em Portugal, se mantenham bem vivos os pergaminhos da arte de encadernar e para que possamos apreciar e desfrutar desses trabalhos admiráveis.

**NOTA FINAL:** O corpo deste trabalho foi realizado com o recurso a diversas fontes que surgem mencionadas no final. Contudo, conforme já sublinhado, muito contribuiu enquanto “fonte de partida”, a qualidade e riqueza de informação da obra de Matias Lima “Encadernadores Portugueses”. Apesar do tempo decorrido, não foi publicado qualquer outro estudo, com idêntico caráter, que aporte maior desenvolvimento ou perspetiva. Na verdade, apesar dos ensaios académicos de enorme valor que têm sido realizados, raras são as obras nacionais dedicadas a este tema. Daí que a abrangência e a qualidade de informação pesquisada e reunida outrora por este autor, mantenha atualidade na sua importância, e se constitua como linha orientadora de leitura – e/ou consulta obrigatória –, para todos quantos decidam aprofundar o seu conhecimento nesta área.



# ENCADERNADORES PORTUGUESES

## - DO PASSADO E DO PRESENTE -

*“Há livros que se tornam procurados unicamente por causa das ilustrações. O caso dos “Baisers”, coleção de poesias sem valor de Dorat, poeta francês do século XVIII, é bem típico. O texto nada vale, do autor ninguém mais lê nada, mas a edição dos “Baisers”, de 1770, é muito valiosa, exclusivamente porque foi ilustrada por Eisen e Marillier. É, na realidade, um dos mais belos livros ilustrados do século XVIII. Esse gênero de livros tem valor artístico e não literário. O mesmo acontece com certas obras encadernadas por encadernadores célebres. **Os colecionadores de encadernações pouco se importam com o texto, o que vale para eles é a obra de arte que o encadernador realizou. Não resta dúvida que muito mais valioso é o livro raro, encadernado na época por um grande artista.**»*

(Rubens Borba de Moraes, *O bibliófilo aprendiz*, pág. 71, 2005)

### **AGUIAR, D. Beatriz Monteiro Perestrelo de Pestana Velosa Camacho de**

Nascida no Funchal, em 1894, notabilizou-se pelo trabalho artístico que realizou em encadernação artística. Fez estudos em Paris, onde adquiriu conhecimentos de iluminura. Mais tarde, descobriu que o seu maior interesse e mesmo vocação se centravam na decoração do livro, tendo frequentado um curso, em Lisboa, de decoração e capas de livros, com D. Maria Barjona de Freitas. Executou os mais variados trabalhos em esmalte e à pena, oiro e prata, iluminuras, metais, mosaicos, lacas e pirogravados. Usou o pseudónimo de «Bya», tendo participado, com os seus trabalhos, em diversas exposições da especialidade.

### **AGUIAR, Domingos José Fernandes**

Encadernador na cidade de Lisboa no século XVIII. Era natural do norte do país, tendo vindo aprender o ofício para a capital.

### **ALEXANDRINO, Joaquim Pedro**

Livreiro-encadernador em Lisboa no final do século XIX. Para além de exercer como encadernador era, igualmente, livreiro. Hábil encadernador, sobretudo na obra antiga.

### **ALMEIDA, Augusto de**

Encadernador de mérito, nasceu no norte do país (1856) e cedo se estabeleceu no Porto, onde sempre se conservou, a trabalhar, até falecer em 1941. Encadernou para quase toda a cidade e para fora também.

### **ALMEIDA, Carlos Augusto de**

Nasceu no Porto, no ano de 1915, onde desenvolveu a sua arte e sempre trabalhou, junto com o seu irmão, Reinaldo, outro distinto artista.

### **ALMEIDA, Frederico de**

Entre os grandes encadernadores portugueses do século XX, mestre Frederico d'Almeida foi, com inteira propriedade, um dos nomes maiores. Nascido em Lisboa, no ano de 1889, estabeleceu-se na Rua António Maria Cardoso, ao Chiado (Lisboa). Segundo recorda Matias Lima: *“Muito cedo revelou a sua inclinação pelo ofício que um dia o tornaria mestre. Já aos sete anos fazia livrinhos para apontamentos com as capas desenhadas a lápis de cores, com os quais fazia vendas e trocas na escola.”* Passou pelas oficinas de Paulino Ferreira e, posteriormente, pela casa «Verol». Em 1926, fundou a casa «Carmelita», à Calçada do Sacramento, oficina que tinha pertencido a Carlos Rodrigues de Azevedo. O seu trabalho destaca-se pelo esmero, criatividade e pela perfeição dos acabamentos, tendo arrecadado a medalha de ouro – distinção única – na primeira Exposição Industrial realizada em Lisboa, no Parque Eduardo VII. Era, sem dúvida, um perfeccionista e um artista na sua arte, enquanto encadernador e dourador.

Após o 25 de abril de 1974, o seu filho deu, ainda, durante alguns anos, continuação à oficina do pai e à qualidade do trabalho. Porém, os tempos eram outros e diferentes, tendo a casa ressentido a falta dos maiores clientes.

### **ALMEIDA, Jorge de**

Iniciou a aprendizagem da encadernação, em 1936, nas Oficinas de S. José, mas os principais conhecimentos da arte adquiriu-os na oficina de Frederico de Almeida e nas oficinas da *Livraria Férrin* onde esteve dez anos, seis como encarregado. Posteriormente, ainda exerceu nas oficinas do Banco de Portugal.

### **ALMEIDA, Reinaldo Augusto de**

Natural do Porto, onde nasceu em 1 de janeiro de 1900, exerceu na oficina de seu pai, o reputado encadernador Augusto de Almeida, até 1938, indo mais tarde para a Tipografia Sequeira.

### **AMORIM, Júlio de**

Natural de Lisboa, onde nasceu em 1873 e faleceu em 8 de março de 1953. Aprendeu a arte de encadernador com grandes mestres: Eduardo Sacramento, Eugénio Descamps, Joaquim Campos, Verol Senior, Marcelino Lopes, Francisco Lisboa e David Caeiro. Especializou-se em todos os trabalhos de encadernação, desde a boa costura do livro até ao dourado manual e mecânico e demais acabamentos. Especializou-se na lavagem de estampas antigas, no que foi exímio. Lançou a publicação “A Encadernação Artística”.

### **ANTÓNIO, Ilídio**

Aprendeu o ofício de encadernador com Orlando Pires, seu mestre na ARDEM – Associação para Recuperação dos Deficientes de Mobilidade, onde começou no ano de 1966. A partir de 1972, Ilídio António começa a trabalhar na oficina de Raul Almeida, onde fica oito anos e, em 1980, surge a oportunidade de abrir a sua própria oficina, no Bairro Alto, na Rua da Vinha, onde ainda se encontra. Foi convidado a dar aulas no Convento dos Inglesinhos, na altura em que aí funcionava um Centro de Aprendizagem de Ofícios. Entre os seus trabalhos mais relevantes recorda, sobretudo, os livros quinhentistas que lhe passaram pelas mãos. Para além da encadernação, dedica-se, igualmente, ao restauro e conservação de documentos gráficos.

### **ANTUNES, Vasco**

Fundador e proprietário da “*Traça Pombalina – encadernação, conservação e restauro de documentos gráficos*” (Bairro Alto; Lisboa), conservador-restaurador com formação superior e com vasta experiência, Vasco Antunes era, no tempo presente, um dos grandes herdeiros da arte de encadernar e mostrava-se um notável artista. Precocemente desaparecido, a oficina que criou prestava serviços de conservação e restauro de livro antigo e documentos avulsos, encadernação nova em livros modernos, assim como a execução de várias tipologias de caixas, estojos e resguardos. Realizou inúmeros trabalhos de qualidade para entidades de grande relevância e para diversas bibliotecas, fundações, livreiros, antiquários e clientes particulares, com gosto pela bibliofilia.

### **ARAÚJO, Fernando Ribeiro de**

Nasceu no Porto, em 21 de novembro de 1928. Aprendeu o ofício de encadernador com seu pai, Manuel Ribeiro de Araújo, tendo trabalhado em sua casa até 1944. Artista sabedor, revelou gosto e perícia em tudo o que executava, sendo-lhe familiares todos os géneros de encadernação.

### **ARAÚJO, José António Correia de**

Encadernador portuense, estabelecido por volta de 1827, foi um artista distinto. As suas encadernações destacam-se pelo aspeto sólido, lombadas vistosas e dourados elaborados e bem trabalhados.

### **ARAÚJO, Manuel Ribeiro de**

Nascido em 1887, entrou como aprendiz para a casa de Albino Moreira de Oliveira, tendo-se estabelecido por conta própria em 1918. Foi um dos grandes encadernadores do Porto tendo-se destacado como um artista completo que encaderna e doira com mestria.

### **ARAÚJO, Manuel da Silva**

Nascido em Braga, em 1898, estabeleceu-se na cidade de Coimbra, tornando-se um encadernador-dourador de excelência. A sua proficiência levou-o a tornar-se encarregado das oficinas da Gráfica de Coimbra, Atlântida e Coimbra Editora, Lda., montando a sua própria oficina em 1938. Distinguiu-se nos seus trabalhos pelo seu notável bom gosto e técnica segura, sendo mestre a executar a douração manual.

### **ARAÚJO, Renato de**

Brilhante artista da encadernação decorativa, foi um gravador e miniaturista de renome. A sua elevada qualidade levou a que apresentasse vários trabalhos seus na exposição de encadernações de arte realizada no ano de 1946, na Livraria Bertrand, de Lisboa. Foi, também, um escultor distinto, tendo exercido o lugar de chefe gravador do Banco de Portugal.

### **BOURET, Aleixo**

Natural de França, veio para Lisboa em 1864, onde faleceu em 1914. Foi um excelente encadernador e um dourador exímio, tendo estabelecido a sua oficina no Largo de S. Carlos. Nela se encadernaram os exemplares de “Os Lusíadas” que o Gabinete Português de Leitura, do

Rio de Janeiro, mandara imprimir em Lisboa, em encadernação luxuosa, no tricentenário de Camões.

#### **BRAGA, Jaime**

Encadernador-dourador bracarense (n. 1903 - m. 1952) foi, durante largos anos, encarregado da oficina Pax, de onde saíram trabalhos de grande qualidade; nomeadamente muitos missais de luxo para as capelas e igrejas do arcebispado. Sabia como se encadernava e dourava um livro e a encadernação de missais mereceu-lhe sempre especial interesse.

#### **CAEIRO, José David Salema**

Um dos mais notáveis encadernadores-douradores. Natural de Lisboa, nasceu e morreu na capital (1871 - 1948). Entrou para a Casa Verol ainda muito jovem, onde aprendeu o ofício e foi moldando e aperfeiçoando a técnica. Em 1897, empregado da oficina Paulino Ferreira, foi diplomado na Exposição Industrial do Porto. Em 1900 estabeleceu-se na Travessa de Sant'Ana, onde permaneceu toda a vida. Sabia executar uma encadernação e trabalhar os ferros que sabia escolher e ajustar com raro gosto.

#### **CASTRO, Leonardo Pedro de**

Natural do Porto, local onde nasceu e morreu (1844 - 1907). Foi um dos melhores encadernadores portuenses da sua época. Em 183 começou a trabalhar para a Livraria Chardron e em 1876 estabeleceu-se na Travessa da Carvalhosa. Em 1886, passou a sua oficina de encadernador a Augusto de Almeida. Leonardo de Castro encadernava com esmero, prendendo-se mais à execução e solidez do trabalho do que aos “enfeites”.

#### **CERVEIRA, Joaquim Caetano**

Apontado como o mais notável encadernador e dourador portuense da sua época. Nasceu em 1842 e morreu em 1913. Estabeleceu a sua oficina na cidade do Porto, passando por diferentes locais. Em virtude do seu mérito, chegou a levar trabalhos seus à Exposição de Paris de 1867, onde foram acolhidos com enorme agrado.

#### **CHUVAS, Ismael**

Nasceu em Coimbra, no ano de 1890, tendo-se tornado um reputado artista, familiarizado como todos os tipos de encadernação. A sua especialidade era a encadernação de luxo. Pela qualidade

do seu trabalho, foi agraciado com a medalha de prata no 2.º Congresso Beirão, realizado em Coimbra, e com o diploma de mérito na Exposição de 1929, realizada na mesma cidade.

#### **COSTA, Fernando da**

Foi um encadernador e dourador portuense muito apreciado. Nasceu em 1888 e faleceu em 1929. Migrou cedo para a cidade do Porto onde trabalhou nas oficinas de Augusto de Almeida e de A. J. de Almeida. Foi encarregado da oficina de encadernação da Escola Raul Dória e, posteriormente, mestre da Escola Industrial Infante D. Henrique. Terminou a sua vida na casa Alberto de Oliveira onde foi responsável pela douradura, arte em que se destacou de modo exímio.

#### **COSTA, Francisco**

A oficina em que Francisco Costa trabalhou, funcionou na Rua do Ferragial, em Lisboa, ao Chiado. Aberta em 1940 pelo tio do Sr. Francisco Costa. “A encomenda mais bonita que fiz foi a dos álbuns em carneira para a Presidência da República, com dourados, obra de distinção e muito aparato.

#### **DAVID, Alfredo**

Nasceu em Lisboa, em 1863, e na mesma cidade faleceu, em 1930. Aprendeu a arte de encadernar com Aleixo Bouret, tendo, em 1890, ficado com a oficina, sita no Largo do Diretório, hoje, Largo de S. Carlos, ao Chiado. Pela elevada qualidade dos seus trabalhos, auferiu três medalhas de ouro e duas de prata, em exposições em que tomou parte. Artista consagrado, as suas encadernações correram mundo, tendo tido clientes ilustres, tanto no país, como no estrangeiro.

#### **DESCAMPS, Eugénio**

Encadernador-dourador lisbonense de grande destaque. Nasceu na capital em 1870 e faleceu nesta mesma cidade, em 1850. Iniciou a sua carreira na Casa Férrin, após o que se estabeleceu, por conta própria, no Largo de Santo António da Sé, onde sempre se manteve. Como exímio encadernador e dourador que era foi premiado em várias exposições, como a de Paris, em 1900 e a Exposição de Belas Artes, em Lisboa.

## **DOMINGUES, José**

Começou a dedicar-se à atividade de encadernar quando frequentou um colégio na Guarda que proporcionava os conhecimentos técnicos. Mais tarde, em busca de melhores condições de vida, muda-se para Lisboa, encontrando-se, hoje, no bairro de Campo de Ourique. Recorda-se da época em que não era difícil arranjar-se emprego nesta área e em que ainda proliferavam e eram procuradas, para muito trabalho, as oficinas que à encadernação se dedicavam.

## **DUARTE, Oliveira**

A oficina Oliveira Duarte localiza-se em Lisboa, no tradicional bairro de Campo de Ourique, dedicando-se à encadernação de luxo e ao restauro de livros. É especializada na conservação e no restauro de livros ou documentos estragados, seja papel ou pergaminho.

## **A. FÉRIN**

João Baptista José Férin, de naturalidade belga, veio para Lisboa durante as invasões francesas e é precisamente na capital que inicia a ligação dos Férin com o mundo do livro, a quem se atribui parentesco com a família Masson, de editores e livreiros. Dos seus onze filhos, sete irão ligar-se ao negócio dos livros. Será uma das filhas, Maria Teresa Férin, que casando com Pedro Langlet, oriundo de uma família de livreiros de Bruxelas, funda, na Rua Nova do Almada, a Librairie Belge-Française. Em 1853, Pedro Langlet trespassa a livraria ao seu cunhado Augusto Férin. Este último associou-se ao outro cunhado, Manuel Robin, que sendo proprietário de uma encadernadora a transfere para a Rua Nova do Almada. É, então, que a livraria ficará associada à arte da encadernação e que ainda se pode discernir na fachada do edifício “*Atelier de Reliure*” (atelier de encadernação). Em 1861, uma das irmãs Férin, é nomeada “encadernadora das reais bibliotecas” por um alvará de D. Pedro V, o que conferia o direito de usar as armas reais juntamente com o nome e os símbolos da casa no frontispício do estabelecimento. Em 1865, para a Feira do Porto, é concebida uma majestosa encadernação a castanho e ouro da edição de 1859 do “*Specimen da fundição de typos da Imprensa Nacional.*”

A partir de 1871, a casa adota a designação Livraria Férin & C.<sup>ª</sup> e, até à implantação da República, conhecerá o seu período lendário sendo frequentada pelas mais diversas figuras da sociedade. Contando, igualmente, com uma tipografia e oficina de artes gráficas, são também deste período as grandes iniciativas editoriais da casa; contudo, a Férin notabilizou-se, sobretudo como livraria e encadernadora. Junto com a tipografia, funcionavam as oficinas de encadernação. Desta arte destacam-se algumas obras-primas que ainda hoje se conservam: a edição da Imprensa Nacional de “Os Lusíadas”, comemorativa do centenário da morte de



Camões, em 1880, ricamente encadernada a azul e ouro e com magníficas guardas e cercaduras (que valeu à casa uma medalha de excelência na Exposição Universal de Paris de 1889), um “Hamlet” de 1877, traduzido e autografado pelo rei D. Luís I, encadernado a verde, o “Memorial Biográfico de um Militar Ilustre, o General Claudino Pimentel”, de 1884, da coleção do rei D. Carlos, encadernado a vermelho, entre muitas outras.

A Livraria Férin sobreviveu ao fim da monarquia, à primeira república, ao devastador incêndio do Chiado, mas hoje, infelizmente, é mais um, entre muitos outros estabelecimentos “com história”, na baixa de Lisboa, que teve de encerrar portas.

### **FERNANDES, João António Rodrigues**

Nasceu em Lisboa, aqui se estabeleceu e morreu (1839 - 1899). Em 1860, entrou para a Casa Férin, a primeira livraria e oficina de encadernação da época, fornecedora das casas reais de Portugal e do Brasil. Em 1877, estabeleceu-se, por conta própria, na Rua do Crucifixo. Tendo ganho a medalha de ouro na Exposição Industrial Portuguesa, em 1888, o rei D. Luís I conferiu-lhe o diploma de encadernador da Real Biblioteca da Ajuda. Joaquim Rodrigues Fernandes consagrou-se, também, à obra comercial e, em 1899, tendo visitado a Exposição Universal de Paris, adquiriu aí uma das modernas máquinas de riscar por discos, tendo sido a primeira a funcionar em Portugal.

### **FERREIRA, Paulino**

Destacou-se como um importante industrial de encadernação. Nasceu em Lisboa, no ano de 1861, tendo aprendido a encadernar e doirar na *Casa Lisboa & C.<sup>a</sup>*. Estabeleceu, em definitivo, por conta própria, na Rua Nova da Trindade, ao Chiado. Dinâmico e empreendedor, criou uma oficina de renome, em 1870, na Rua Nova da Trindade (ao Chiado, Lisboa), no antigo Convento da Trindade. Conhecidas como «*as maiores oficinas do país movidas a gaz e electricidade*», mantinha na Rua Augusta, 220-222, uma loja sucursal de tipografia, papelaria, livraria e artigos religiosos. Apresentando-se como «encadernador-dourador» e executando «trabalhos tipográficos em todos os géneros, simples e de luxo», tinha como clientes múltiplas instituições de renome: «*Biblioteca Nacional, Escola Polytechnica, Câmara Municipal de Lisboa, Conservatorio Real de Lisboa, Ministerio da Justiça, Archivo da Torre do Tombo, Observatorio do Infante D. Luiz, Museu Botanico e Gremio Litterario*».

De ano, para ano, Paulino Ferreira foi desenvolvendo sempre a sua oficina, empregando mais de uma dezena de colaboradores, e incorporando progressivamente os processos mecânicos na realização de trabalhos. As suas oficinas, fazendo uso da eletricidade, foram as maiores do país.

Já com a designação de «Paulino Ferreira, Filhos, Lda. – Encadernadores e Douradores», e com cento e trinta e três anos de existência, esta casa centenária viria a encerrar definitivamente.

### **FERREIRA, Paulo (In - Libris)**

Paulo Ferreira, livreiro e editor, herda a livraria do seu pai, livreiro alfarrabista do Porto, muito conhecido no meio, e torna-se ele o responsável pela livraria-alfarrabista e oficina de encadernação e restauro In-Libris, sita na rua do Carvalhido. O seu espaço de trabalho é um misto de livraria e oficina/laboratório que visa cuidar, recuperar, experimentar técnicas e novidades... em suma, procurar “dar mais vida” ao livro.

Em entrevista recente à RTP, em janeiro de 2025, Paulo Ferreira reconhece que a encadernação, em Portugal, em virtude do declínio que sofreu, nomeadamente na transição do século XIX para o XX, se tornou mais numa espécie de “artesanato” do que propriamente uma “arte”. Para ele a encadernação está muito ligada ao passado, à ancestralidade, como que parou nos últimos duzentos anos, tendo cristalizado a sua técnica. Claro que há sempre exceções, contudo, de um modo geral, lamenta o facto de a encadernação não ter acompanhado, nos últimos anos, a evolução que as artes gráficas conseguiram. A encadernação, como arte gráfica que também é, poderia ter acompanhado mais os ares do tempo, segundo refere. Conjugando o passado com o presente, a tradição com a inovação, pensando e projetando o futuro, contribuiria para trazer uma lufada de ar fresco e maior reconhecimento ao ofício de encadernar. Ir buscar formas mais antigas de fazer, nomeadamente a expressão estética já inventada e técnicas preciosas já testadas e aplicadas. Paulo Ferreira encara a sua passagem no mundo do livro e na sua oficina com um espírito de missão: “passar o conhecimento e a aprendizagem às gerações mais jovens”. Na In-Libris procura fazer-se a melhor “cultura” e a “melhor das artes”. Manter os livros, cuidar-los, preservá-los e fazer disso uma aprendizagem, é o que distingue a In-Libris que olha para o livro como um objeto especial.

### **FREITAS, Maria Eduarda Brak-Lamy Lopes Alves Barjona de**

Jornalista, escritora e crítica literária, desenvolveu, também, carreira como investigadora, tendo publicado alguns livros dignos de reconhecimento sobre encadernação artística e a história do livro. Teve a iniciativa de ser a perscrutadora, em Portugal, a escrever duas obras ainda hoje prestigiadas e muito consultadas como o *Manual do Encadernador* e o *Manual do Dourador e Decorador de Livros*. Também, de mencionar, o trabalho escrito *Os Livreiros da Lisboa Quinhentista*, mais tarde publicado na *Revista Municipal da Câmara Municipal de Lisboa* (n.º 54, 3.º trimestre, de 1952). Foi sub-bibliotecária num arquivo dependente da Torre do Tombo.

Contudo, não só na teoria deixou obra valiosa publicada; tendo aprendido a encadernar com o mestre Frederico de Almeida, destacou-se, igualmente, na prática, como encadernadora e artista emérita na decoração do livro.

### **GUERREIRO, Carlos**

Carlos Guerreiro Ferreira começou a aprender o ofício com o mestre Diogo Noronha que mais tarde o convidou a integrar a sua oficina. Trabalhou para o Arquivo Nacional da Torre do Tombo onde restaurou e encadernou centenas de livros antigos. Também trabalhou na oficina Jesus e Costa e deu formação. O espaço de trabalho onde hoje ainda exerce, localiza-se em Lisboa, na Rua de São Boaventura, fundado quarenta anos antes por Celestino Matias, de quem herdou máquinas e ferramentas. É aqui que executa diferentes trabalhos: encadernações simples e de luxo, douração ao ouro fino e película e restauro de livros antigos e raros. Escolheu a profissão por gosto e o fascínio mantém-se, até hoje, tanto pela área de encadernação como pela de douração. Carlos Guerreiro considera que este ofício, em Portugal, pode estar em vias de desaparecer. A frequência de *workshops* não é suficiente; é preciso tempo e, idealmente, trabalhar com um mestre durante vários anos.

### **LISBOA, Francisco**

Encadernador-dourador, nasceu e morreu em Lisboa (1862 - 1936), tendo aprendido o ofício com seu pai José Balbino da Silva Lisboa, outro notável artista. Trabalhou nas oficinas da Livraria Ferin, de Paulino Ferreira e de Alfredo David, até se ter estabelecido com a sua própria oficina na Calçada do Sacramento. Mais do um encadernador de exceção, Francisco Lisboa destacou-se como um dourador de excelência, manifestando a sua criatividade e perícia no embelezamento das pastas dos livros.

### **LOPES, António**

Encadernador-dourador portuense, iniciou a sua aprendizagem e atividade nesta cidade, na casa Lopes & C.<sup>a</sup>. Mudou-se para Lisboa onde trabalhou na casa de Alfredo David. De regresso ao Porto, foi para a oficina de José Augusto dos Santos. Junto com outro colega, Francisco Teixeira da Rocha, herda a casa e criam em sociedade a firma Rocha & Lopes.

António Lopes deixa o justo reconhecimento de ter sido um hábil artista no domínio da douradura a pulso e a balancé.

### **MARIETTE, Francisco**

Crítico de arte e encadernador de origem francesa tinha oficina na cidade de Lisboa, onde se estabeleceu no século XVIII, perto da zona da Trindade, ao Chiado. Segundo consta, este encadernador terá sido o introdutor do hábito de identificação do autor das encadernações, mediante marcas impressas coladas na guarda dos livros, reclamando assim o estatuto de autoria, que afirma o distanciamento do já desgastado e pouco justo atributo de artífice a estes verdadeiros criadores. Este hábito já prevalecia em França, pelo menos desde o início do século XVIII e julga-se que atribuída a inovação a Padeloup.

### **NORONHA, Diogo**

Mestre encadernador Diogo Noronha, exerceu a arte e o ofício de encadernar e dourar no Instituto Padre António Oliveira, em Caxias, considerado à época (finais de 60 e inícios de 70, séc. XX) o melhor instituto da Europa e o quinto melhor a nível mundial, tendo encerrado depois de 25 de abril de 1974. Passou a sua arte e saber a novas gerações, de que se destaca a figura de Carlos Guerreiro, ainda em exercício e já com planos de não abandonar, mesmo após a reforma.

### **NORTON, Isolda Lino**

Notável artista da encadernação nasceu e viveu em Lisboa, sendo filha do não menos notável arquiteto Raúl Lino. Foi casada com o embaixador Luís Norton de Matos, tendo tido, assim, a oportunidade de viajar para inúmeras paragens e adquirido inúmeras experiências. Cedo aprendeu a arte de encadernar e criar o papel marmoreado que usava nas suas encadernações. Trabalhou na casa Alexandrino e aperfeiçoou a arte em Viena de Áustria. A perfeição e mestria dos trabalhos que saíam das suas mãos, fez com que fosse convidada para variadíssimas exposições. Mestre nas encadernações de arte, interessada, sobretudo, na adaptação fiel da capa ao espírito do livro, aprofundou e desenvolveu diversas técnicas que aplicou com notabilidade e distinção.

### **OLIVEIRA, João**

A origem da Encadernação Machado Oliveira remonta a 1969, quando António Oliveira abre uma pequena oficina na Rua das Taipas. Hoje é João José Machado Oliveira, filho do fundador, quem assegura o trabalho artesanal que caracteriza a atividade da firma, nomeadamente na arte de encadernar, restaurar e dourar e, ainda, de gravar. Mantém, devidamente salvaguardado, o espólio em quantidade e qualidade que, na sua grande

maioria, ainda está a uso. É constituído sobretudo por pequenos e médios equipamentos, como prensas e cisalhas ou guilhotinas, destacando-se pela sua antiguidade uma prensa da Casa Von Hafe, Porto, provavelmente dos anos 30, uma prensa da Fábrica de Máquinas Industriais Pinto Basto & Leite e uma cisalha antiga. A estes, junta-se uma máquina de costura Singer, já de início dos anos 70, ainda usada para cozer as folhas dos livros e cadernos às respetivas lombadas. Para além destes equipamentos, estão ainda salvaguardados e a uso pequenos armários de oficina, em madeira, onde se guardam ferramentas, tipos em metal e inúmeros ferros para marcar e dourar as lombadas de livros. Atualmente, já não realiza trabalhos de grande dimensão como as encadernações que fazia para a Editora Bertrand, altura em que muito trabalho passou para a encadernação industrial mecanizada.

É o cuidado e a qualidade da execução manual dos seus trabalhos que fideliza os clientes, maioritariamente livreiros, alfarrabistas, empresas gráficas, universidades, mas também particulares.

#### **OLIVEIRA, Luís**

Trabalha, à semelhança de outros colegas de profissão, na zona do Bairro Alto, em Lisboa. Trabalha na sua oficina, como faz questão de lhe chamar (não “atelier”), onde dedica o tempo a recuperar e a encadernar livros. O gosto e o prazer que tem em cuidar deles fá-lo valorizá-los todos da mesma maneira; independentemente da idade ou do valor comercial, todos possuem e merecem da sua parte o mesmo zelo e dedicação.

#### **PIRES, Orlando**

Mestre Orlando Pires foi um encadernador que exerceu durante longos anos, tendo lecionado a sua arte e passado a sua experiência na ARDEM – Associação para Recuperação dos Deficientes de Mobilidade, uma escola-oficina que funcionou em Alfama (Lisboa). Entre outros, Ilídio António, ainda em atividade, aprendeu com ele o ofício.

#### **ROSA, Ramiro**

Destaca-se como tendo sido um encadernador-dourador dos mais cotados da capital. Nascido em Viana, filho de um artista distinto e descendente de uma dinastia de encadernadores que iniciou com o avô. No ano de 1903, migra para Lisboa, por onde passa na Casa Verol, na Abel Amorim, Lda. e, por último, na Casa Palhares, Lda. Imbuído de forte espírito artístico, domina a arte de encadernar e sente-se confortável a executar todos os tipos de encadernação. Esta forte

entrega fez que as suas encadernações se tornassem muito apreciadas e elogiadas, vindo a conquistar vários troféus, com algumas delas, em diversas exposições.

#### **SANTOS, Andreia Tibério dos (Arte no Livro)**

Neta do mestre Victor Santos, é formada em Gestão, mas optou, à semelhança do pai e do avô, por dedicar a sua vida a cuidar dos livros. Junto com o pai, trabalha na Arte do Livro (Cascais), onde se esforçam por garantir que cada encadernação e restauro que idealizam e concretizam vai ao encontro do desejo expresso pelo cliente. Ao longo dos anos foi conciliando a aprendizagem técnica clássica, adquirida com o Mestre, e novos saberes, o que a levou a incorporar nos seus trabalhos características experimentais que se traduzem numa abordagem multissensorial das obras encadernadas. O trabalho que executa advém de um processo de diálogo com o cliente, procurando conhecer a sua ideia e propósito, aliado à sua sensibilidade e com o teor do próprio livro.

A sua mais recente experiência de conhecimento realizou-se em Londres, onde participou numa *Masterclass on Decorative and Creative Leatherwork* organizada pela *Designer Bookbinders Society*. Do seu ofício resulta uma tradução estética daquilo que a matéria-prima (livro, peles, tintas, colas, papéis) lhe comunica. Quando questionada sobre a atividade que exerce não tem dúvidas em afirmar: “*O trabalho de encadernadora é uma forma de estar na vida.*”

#### **SANTOS, Fernando Pinheiro dos (Arte no Livro)**

Fernando Pinheiro Santos, economista reformado, aprendeu o ofício com o seu pai, o mestre Victor Luiz dos Santos (1917-2010), a quem em 2005 a Câmara Municipal de Lisboa dedicou uma exposição/homenagem. Fundador e proprietário da oficina *Arte no Livro* (Cascais), a figura do patriarca está muito presente na oficina. Acompanhando o pai, seu mestre, foi documentando as técnicas e segredos do processo de encadernação. Segundo palavras do próprio: “Atualmente somos nós (filho e neta) o rosto, mãos e alma da oficina, seguindo as técnicas e ensinamentos do mestre que tão bem nos instruiu.” Classificando a atividade que exerce com paixão como de uma terapia verdadeiramente se tratasse, afirma: “Adoramos o que fazemos e assumimos, como tal, um compromisso com a encadernação onde damos atenção a cada pormenor. Todos os dias criamos, evoluímos e desenvolvemos técnicas que nos permitem colocar um cunho nos livros que encadernamos. O objeto literário, genial no seu conteúdo, torna-se numa obra de arte quando encadernado. Existe, nesta circunstância, uma fusão entre uma genialidade e beleza. Por isso mesmo somos apaixonados pelo que fazemos.”

Na Arte no Livro, também há lugar para encontros com escritores, conversas informais, clubes e atividades de escrita criativa para crianças e jovens.

### **SANTOS, José Mário (Invicta Livro, Porto)**

O Eng.º José Mário Pinto dos Santos é proprietário de uma das oficinas de encadernação e restauro de maior renome, dedicando-se a trabalhos de grande exclusividade. O seu nome confunde-se com uma das casas mais importantes da especialidade: a «Invicta Livro», na Praça da República, na cidade do Porto. A Invicta Livro nasceu com o propósito de encadernar, respeitando a época em que o livro foi impresso. Depois de anos como colecionador, José Mário P. dos Santos, um engenheiro civil, recorreu à habilidade de José Vieira, um especialista a trabalhar no ramo desde criança, para dar corpo a esta empresa que tem tanto de negócio como de paixão. Na Invicta Livro aliam-se técnicas tradicionais às modernas: "Há coisas que têm de se manter, mas estamos sempre abertos à mudança". O fio de norte com que se cosem (não se colam) os livros, a paciência em colocar cada pedacinho rasgado de um livro no local certo, não impedem o uso dos programas informáticos na hora de criar e montar graficamente as ilustrações dos livros. A exigência de qualidade, essa é sempre a maior. Na encadernação mecânica, nascida no século XIX, as encadernações têm uma segurança mais reduzida.

A Invicta Livro mantém as tradições e executa o mesmo tipo de trabalhos que fazia quando iniciou: essencialmente restauros e encadernação de livros novos. Os clientes podem ser colecionadores, instituições públicas, universidades, ou qualquer amante de livros. Aliando técnicas tradicionais e modernas, numa luta pela preservação da memória literária, cada encadernação respeita a época em que o livro foi editado, recebendo assim a sua capa e todos os motivos decorativos e letras de acordo com o estilo da época, como por exemplo, estilo neoclássico, romântico, arte nova ou modernismo. Para o efeito, a Invicta dispõe de caixas e gavetas onde se guarda e preserva todo o material necessário correspondente a cada estilo.

### **SANTOS, Victor Luiz dos**

Nasceu na capital, no ano de 1917, tendo falecido na mesma, em 2010. Tornou-se um dos mais conceituados encadernadores e douradores da sua época, tendo dedicado uma vida ao exercício e aperfeiçoamento constante da profissão. Contava, apenas, onze anos de idade quando iniciou a aprendizagem da encadernação com António de Oliveira. Foi sócio e gerente técnico da oficina de encadernação Catedral, tendo ainda desempenhado as funções de encadernador-dourador na Biblioteca Nacional. Trabalhou, ainda, durante cerca de uma década, na oficina reputada do mestre Frederico de Almeida.

Habitando na Rua da Rosa, ao Bairro Alto – bairro, na cidade de Lisboa, intimamente ligado ao mundo das artes gráficas e dos livreiros –, foi num dos compartimentos da ampla casa pombalina que este artista de sólidos recursos encontrou o seu refúgio ideal, funcionando como verdadeira oficina de trabalho. Felizmente, foi um dos profissionais que deixou o seu legado bem entregue, no caso, ao filho (Fernando Pinheiro dos Santos) e à neta (Andreia Tibério dos Santos). No ano de 2005, cinco anos antes do seu falecimento, a Biblioteca Municipal Camões, ao Calhariz (Lisboa), organizou uma mostra que consistiu na exposição de variados trabalhos que o mestre Victor Santos executou ao longo da sua vida. Neles, são bem visíveis o grau de exigência, criatividade e meticulosidade que exigia a si próprio e aos outros.

### **SILVA, Domingos Dias da**

Fundador da Imprensa Portuguesa/Manuel Ferreira & Silva, fica na história da profissão com um lugar de destaque na arte de encadernar tradicional portuguesa, tendo a casa que fundou sido conhecida como “Alfobre de Encadernadores”, servindo, não só, para manter a arte dentro da própria firma, mas, de igual modo, para procurar que a arte de encadernar se perpetue e não se extinga.

### **SILVA, Jacinto João**

Jacinto João Torres da Silva adquiriu algum do seu saber na Casa Pia de Lisboa e exerce o seu mister na freguesia da Campo de Ourique, Lisboa, há mais de cinquenta anos, onde recupera livros e revistas. Ainda muito jovem, tornou-se aprendiz do mestre encadernador Oliveira Duarte. Este, gabou-lhe o jeito e prometeu-lhe muito labor, natural num tempo em que o Diário da República saía em papel e os advogados precisavam dele encadernado. Não demorou até que soubesse trabalhar a pele, gravar títulos e distinguir os diferentes tipos de lombada.

### **SILVA, Joaquim Maria da**

Nasceu no Porto, vindo a falecer nesta mesma cidade (1862 - 1940). Começou a fazer trabalhos de encadernação aos onze anos, tendo sido aprendiz de João Guimarães e António Poças. Trabalhou, igualmente, com o encadernador Simon, de origem francesa. Foi um artista requintado, culto e de rara sensibilidade. Encadernou para personalidade notáveis e de prestígio da sociedade – caso de Guerra Junqueiro, Carolina Michaëlis e o escritor Camilo Castelo Branco –, tendo, mesmo executado trabalhos para os reis D. Carlos e D. Amélia.



### **SIMON, Jean Baptiste**

Encadernador e dourador de origem francesa que se estabeleceu no Porto e aí faleceu, por volta de 1883. Foi precursor no domínio da encadernação artística no norte do país, vindo de Paris chamado pelo livreiro Moiré, para realizar a encadernação de obras editadas pela sua casa. Veio a estabelecer-se por conta própria na Rua do Almada e, posteriormente, na Rua da Picaria. Foi um artista inconfundível e muito conhecido no seu tempo, tendo encadernado para figuras ilustres da sociedade portuense e para a Biblioteca do Porto. Concorreu e expôs trabalhos seus em exposições no, e fora, do território nacional, onde foi premiado.

### **VEROL, José dos Reis**

Encadernador e dourador, nascido e falecido em Lisboa (1848 - 1901) e filho de António Máximo Verol, também ele figura incontornável do meio da encadernação, de origem italiana, mas estabelecido em Lisboa, na Rua Augusta. José dos Reis Verol, aprendeu a arte com o pai, com quem trabalhou sempre. Aquando do falecimento deste último, herdou a casa que se tornou um centro de formação de diversos excelentes encadernadores.

### **VEROL & C.<sup>a</sup> - Livraria e Papelaria**

A *Livraria e Papelaria Verol & C.<sup>a</sup>* que esteve instalada na Rua Augusta 134-136, foi fundada em 1846 na Rua dos Algibebes, em Lisboa, pelo encadernador António Máximo Verol Sénior, vendendo, além dos serviços de encadernação e tipografia, livros e artigos de papelaria. Mantinha as suas oficinas de encadernador na Rua do Arco do Bandeira, em Lisboa. Viria a ser ampliada em 1900. No ano de 1918, a *Livraria Verol & C.<sup>a</sup>* transformava-se em *Livraria Vérol, Suc.* e mudava-se para a Calçada do Combro, 121, em Lisboa.

\*

\* \*

## CONCLUSÃO

O papel do encadernador é como o de um guardião – um guardião do tempo. O trabalho que executa, com talento e minúcia, contribui para proteger e preservar o conteúdo do livro, permitindo que este passe de uma geração para a geração seguinte de leitores/colecionadores. Mais do que qualquer outra coisa, a preocupação do encadernador reside na questão da durabilidade e da função. A encadernação de um livro diz tanto da sua proveniência quanto uma assinatura ou outra marca de posse como, por exemplo, o caso de um “ex-libris”; por vezes, pode mesmo ser mais reveladora. Também revela informação sobre a condição social e económica do seu possuidor. A encadernação também, não raro, permite inferir da importância do conteúdo do livro. A encadernação pode mesmo permitir conhecer o modo como determinado livro era suposto ser usado.

O livro apresenta-se, pois, como um objeto complexo, que engloba beleza estética e significado cultural, podendo assumir características as mais diversas. O resultado da análise de um livro – proveniência, percurso histórico, possuidores, materiais usados na composição e encadernação e aspetos culturais e históricos – permite inferir e determinar em que período foi realizado, o local geográfico e mesmo sobre quem o intervencionou.

A arte de encadernar de modo artesanal é uma arte secular e não equiparável à encadernação industrial, realizada por máquinas. A atividade de encadernador em Portugal é, atualmente, reconhecida na *Classificação Nacional das Profissões* (C.N.P.), a qual apresenta uma qualificação sistemática das profissões para o conjunto da população ativa civil a nível nacional. A C.N.P., habilitando ao conhecimento das tarefas exercidas pelos trabalhadores nos vários ramos de atividade económica, constitui um instrumento de base para os Serviços de Estatística, Colocação, Orientação e Formação Profissionais e Regulamentação de Trabalho. A C.N.P. compreende um índice alfabético de todas as designações profissionais e um índice sistemático de todas as profissões por ordem dos respetivos números de código. Cada profissão é identificada por um número de código e por um determinado título ou designação profissional a que corresponde um dado conteúdo profissional compreendendo uma síntese da função e a descrição

das tarefas efetivamente desempenhadas. Uma profissão é definida por um conjunto de tarefas que concorrem para a mesma finalidade e que pressupõem conhecimentos semelhantes. Considera-se que têm a mesma profissão os trabalhadores cujas principais tarefas são idênticas, embora no exercício efetivo da mesma, por razões de organização do trabalho e tipo de atividade a que a empresa se dedica, possa haver diferenças em tarefas não essenciais e mesmo, dentro de certos limites, na sua forma de execução.

(texto extraído de: *MT/SEE; Classificação Nacional de Profissões - versão 1980*, Lisboa, SICT, 1980; <https://smi.ine.pt/Versao/Download/5>)

O documento oficial designado por *Classificação Nacional das Profissões 2010*, no ponto 7323/7323.1\*, alude à profissão de encadernador estatuidando o seguinte:

### **7323 Encadernadores e Similares**

Compreende as profissões de encadernador e de outros trabalhadores relacionados com o acabamento da impressão, com especial incidência na encadernação de livros e outras publicações e acabamento de produtos impressos.

#### **7323.1 Encadernador**

Compreende as tarefas e funções do encadernador que consistem, particularmente, em:

- Encadernar livros e outras publicações e orientar as fases do processo de fabrico
- Encaixar em máquina os cadernos do volume e comprimir a respetiva lombada
- Acertar costura, após cozimento, batendo lombada e puxando cordas ou fitas
- Aplicar cola na lombada para obter uma melhor ligação entre cadernos, arredondar lombada, desfazer e aperfeiçoar cordas da costura
- Colocar os volumes numa prensa a fim de lhes reduzir a espessura
- Acertar as margens das pastas e aparar o livro sempre que necessário
- Revestir o cartão da lombada com material adequado, alisá-lo e esticá-lo manualmente para uma boa aderência
- Montar e supervisionar equipamento automático de encadernação.

(\* texto extraído de “*Classificação Portuguesa das Profissões 2010; edição 2011*”, págs. 348-349 – disponível online: <file:///C:/Users/jose.goncalves/Downloads/CP2010.pdf>)

## FONTES CONSULTADAS

Para maior aprofundamento do tema (arte da encadernação), sugere-se a leitura e/ou consulta das seguintes fontes de informação bibliográficas (monografias e manuais técnicos) e *web* gráficas (*sites* e demais artigos académicos e científicos publicados na *web*), de capital importância na reflexão e composição do presente trabalho.

- BIBLIOGRÁFICAS (livros e manuais):

ABBOTT, Kathy (2010). *Bookbinding: a step-by-step guide*. Ramsbury: Crowood Press.

AZEVEDO, Pedro Falcão de; SCHERRER, Bernadette (2002). *Manual de encadernação – técnicas essenciais*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

ADAM, Paul (2019). *Practical bookbinding*. [S.l.]: Forgotten Books.

AYALA, Mariano Monje (1998). *El arte de la encuadernación*. Madrid: Clan.

BANISTER, Manly (1993). *The craft of bookbinding*. New York: Dover Publications.

BERGER, Leopoldo (1946). *Manual prático e ilustrado do encadernador*. [Rio de Janeiro]: Livraria Agir Editora.

BRANCO, Zelina Castello (1978). *Encadernação, histórica e técnica*. São Paulo: Hucitec.

BATTERSHALL, Fletcher (2024). *Encadernação para bibliófilos*. [S.l.]: Vimara Editor.

BERGER, Leopoldo (1957). *Manual prático e ilustrado do encadernador*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico.

CARNEIRO, Luís Miguel (2001). *Livraria Férrin*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

CASTELMAN, Riva (1994). *A century of artist's books*. Nova Iorque: MOMA.

COCKERELL, Douglas (2021). *A encadernação e a conservação dos livros – um manual para amadores, encadernadores e bibliotecários*. Vimara.

DIEHL, Edith (1980). *Bookbinding: its background and technique*. New York: Dover Publications.

ECO, Umberto; CARRIÈRE, Jean-Claude (2017). *Não contem com o fim dos livros – conversas conduzidas por Jean-Philippe Tonnac*. Lisboa: Gradiva.

ESTEVES, Marta Carvalhinho Gomes (2019). *O ofício da encadernação: estudo sobre a atualidade da encadernação portuguesa*. Porto: FBAUP.

- FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri-Jean (2000). *O aparecimento do livro*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- FREITAS, Maria Brak-Lamy Barjona de (1941). *A arte do livro: manual do dourador e decorador de livros*. Lisboa: Sá da Costa.
- GOLDEN, Alisa (2010). *Making handmade books – 100 bindings, structures and forms*. New York: Lark Crafts.
- GREENFIELD, Jane (1990). *Como cuidar, encadernar e reparar livros*. Mem Martins: Edições CETOP.
- JOHNSON, Arthur W. (1999). *The thames and hudson manual of bookbinding*. London: Thames & Hudson.
- LABARRE, Albert (2001). *História do livro*. Lisboa: Livros Horizonte.
- LIMA, Matias (1933). *A encadernação em Portugal – subsídios para a sua história*. Gaia: Edições Pátria.
- LIMA, Matias (1956). *Encadernadores portugueses – nótulas biográficas e críticas*. Porto: [Livraria Tavares Martins].
- MARKS, Philippa (2017). *The british library guide to bookbinding: history and techniques*. Toronto: University of Toronto Press.
- MATTHEWS, William (2025). *Considerações práticas sobre a encadernação moderna*. [S.l.]: Vimara Editor.
- MENEGAZZI, Jorge (1944). *Manual do aprendiz encadernador – lições ministradas pelo autor aos seus alunos*. Niterói: Escola Industrial Dom Bosco.
- MORAES, Rubens Borba de (2005). *O bibliófilo aprendiz*. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros; Rio de Janeiro: Casa da Palavra.
- PERSUY, Anne (1980). *A encadernação*. Lisboa: Editorial Presença.
- SANTOS, José Mário de Pinho (2001). *O livro e a encadernação no ocidente*. Porto: Invicta Livro.
- SCHERRER, Bernadette; AZEVEDO, Pedro de (2002). *Manual de encadernação: técnicas essenciais*. Lisboa: Pedro de Azevedo; IPLB e FCG.
- SILVEIRA, Paulo (2008). *As existências da narrativa no livro de artista*. Porto Alegre: Universidade Federal de Rio Grande do Sul.
- VALLEJO, Irene (2020). *O infinito num junco*. Lisboa: Bertrand Editora.
- WATSON, Aldren A. (1996). *Hand bookbinding*. New York: Dover Publications.

- WEBGRÁFICAS (artigos e sites consultados online):

AMI - Associação Museu da Imprensa (1989). *Museu virtual da imprensa – glossário* [em linha]. [Consult. 2025].

Disponível: <http://www.museudaimpresa.pt/museuvirtpress/port/frame6.html>

ARAÚJO, Bruna (2009). *Glossário tipográfico* [em linha]. Universidade Estadual de Minas Gerais – Escola de Design. [Consult. 2025].

Disponível: [https://issuu.com/abruna/docs/glossario\\_tipografico](https://issuu.com/abruna/docs/glossario_tipografico)

ARPOSE (2015). *Encadernar*. APS blogger [em linha]. [Consult. 2025]. Disponível:

<https://arpose.blogspot.com/2015/02/encadernar.html>

ARTE NO LIVRO (2020). *Arte no Livro – fine binding and books restoration* [em linha]. [Consult. 2025]. Disponível: <https://www.artenolivro.com/?lang=pt>

ARTERIA (2017). *Ilídio António – o bairro alto é, e sempre foi, o bairro das artes gráficas* [em linha]. [Consult. 2025]. Disponível: [https://www.redearteseoficios.pt/oficinas/ilidio-antonio\\_73](https://www.redearteseoficios.pt/oficinas/ilidio-antonio_73)

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA (2025). *Lojas com história – encadernador Carlos Guerreiro*

[em linha]. [Consult. 2025]. Disponível: <https://lojascomhistoria.pt/lojas/encadernador-carlos-guerreiro>

BLOG [s.d.]. *Carlos Guerreiro; encadernador – dourador* [em linha]. [Consult. 2025]. Disponível:

<https://encadernador-carlosguerreiro.blogspot.com/>

BLOG (2013). *Invicta livro... onde os livros são tratados como obras de arte* [em linha]. [Consult. 2025]. Disponível: <https://www.oportoencanta.com/2013/09/invicta-livro-onde-os-livros.html>

DIREÇÃO-GERAL DAS ATIVIDADES ECONÓMICAS (2025). *Comércio com história – encadernação Machado Oliveira*. [em linha]. Disponível:

<https://www.comercioomhistoria.gov.pt/listings/encadernacao-machado-oliveira-4207/>

IN-LIBRIS (2025). *Officina/laboratório de encadernação artesanal* [em linha]. [Consult. 2025].

Disponível: <https://in-libris.com/pages/officina>

LEITE, José Augusto (2020). *Verol e C.<sup>a</sup> – livraria e papelaria* [em linha]. [Consult. 2025].

Disponível: <https://restosdecoleccion.blogspot.com/2020/11/verol-c-livraria-e-papelaria.html>

LEITE, José Augusto (2021). *Encadernador-dourador Paulino Ferreira* [em linha]. [Consult. 2025]. Disponível: <https://restosdecoleccion.blogspot.com/2021/01/encadernador-dourador-paulino-ferreira.html>

PÚBLICO (2009). *Invicta Livro, no Porto, a oficina onde recuperar livros é também uma arte que resiste à erosão do tempo* [em linha]. Disponível:

<https://www.publico.pt/2009/01/11/jornal/invicta-livro-no-porto-a-oficina-onde-recuperar-livros-e-tambem-uma-arte-que-resiste-a-erosao-do-tempo-291036>

VISÃO SETE (2018). *Recuperar livros*. [em linha]. [Consult. 2025]. Disponível:

<https://visao.pt/visao7e/sair/2018-02-27-recuperar-livros/>

WIKIPEDIA (2024). *Matias de Lima* [em linha]. [Consult. 2025]. Disponível:

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Matias\\_de\\_Lima](https://pt.wikipedia.org/wiki/Matias_de_Lima)

WIKIPEDIA (2025). *Bookbinding* [em linha]. [Consult. 2025]. Disponível:  
<https://en.wikipedia.org/wiki/Bookbinding>



**Secretaria-Geral da Educação e Ciência**



**REPÚBLICA  
PORTUGUESA**

EDUCAÇÃO, CIÊNCIA  
E INOVAÇÃO